

A ESCRITA COMO “CUIDADO DE SI” NO ESPAÇO FORMATIVO DA UNIVERSIDADE

Profa.Dra. Valeska Fortes de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria –UFSM

e-mail: guiza@terra.com.br

Primeiras palavras...

A escrita se configura como um dispositivo de formação e autoformação no espaço formativo da educação superior. Nas pesquisas que temos realizado com professores na formação inicial realizada no espaço da universidade operamos com a escrita como uma ferramenta que coloca os sujeitos implicados como “pesquisadores de si”. Nesse sentido, a investigação inicia com um processo de aproximação das representações e dos saberes construídos nas suas trajetórias de vida, e se estende a um processo de autoconhecimento e de autoformação. Tendo como referência dois conceitos operadores, tomados das reflexões de Michel Foucault (1995), na sua perspectiva de “Foucault formador” – o “cuidado de si” e “as tecnologias de si”, trazemos para o território da narrativa, tomando-a como um dispositivo onde o sujeito, provocado / implicado por um outro, se coloca num processo de experimentação de si.

A memória, tomada por nós como trabalho, é acionada no sentido de reconstruir imagens, acontecimentos e experiências, produtoras de sentido à pessoa que se dispõe ao exercício da “escrita de si”. Operamos também com a memória – esquecimento de Nietzsche, na produção da narrativa como uma forma de “cuidado de si”. O esquecimento que se configura como necessidade para dar vazão a outras formas de vida. Nos referimos, quando falamos de um sujeito, para além e muito longe de um sujeito unitário, mas próximo de um sujeito que se constitui através de práticas discursivas, práticas estas sempre constituídas pelas redes de poder.

O que se coloca para nós, ao trabalharmos com a escrita autobiográfica que combine, segundo Fischer (2004, p.157) “a arqueologia e a genealogia, tal como a formulou Foucault.” O sujeito-autor “não é na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é tampouco a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua instituição” (Foucault, 1997,p.109).

Pensando na possibilidade da experiência ética e estética – colocando a vida como “obra de arte” (Nietzsche), a escrita de si é uma experiência na qual o sujeito, a partir de uma máxima: “ocupa-te de ti mesmo”, através de um movimento que o coloca na construção/desconstrução de acontecimentos, imagens e representações, pode produzir a invenção de si.

É com esta perspectiva e a partir deste movimento que temos utilizado a produção da narrativa de vida nos espaços de formação da universidade, revisitando imagens, modelos, comportamentos, processos de socialização, valores e práticas docentes. A partir desta experimentação – a produção da narrativa – podemos, no movimento de lembrar e esquecer, tentar criar outras possibilidades, outras referências na nossa construção como pessoa e como professor. A propósito: o que está em questão são as inúmeras aprendizagens que podemos (re)conhecer a partir do que nos tornamos, do que fizeram e fizemos conosco, do que somos e ainda poderemos ser, proporcionado pelo tempo e o espaço de formação e desenvolvimento profissional da educação superior.

A escrita de si como um processo de conhecimento e formação

Ao longo desses anos e das pesquisas que viemos realizando, fomos construindo algumas convicções que vinham sendo compartilhadas com outros autores, também de outros contextos geográficos. Esses autores nos fizeram insistir na idéia de sistematizar o que tínhamos produzido, através de um banco de imagens, e de incluir outros aportes teóricos – para além dos processos formativos e das questões de gênero – tais como o próprio conceito de imagem.

Nesse movimento criativo e produtivo, uma das convicções era a de que estávamos trabalhando no âmbito não somente da pesquisa, mas também da formação de professores, e que o binômio investigação / formação já era um fato entre nós. Nos acréscimos que fomos fazendo, incluímos nesse binômio a concepção de autoformação, acompanhada de uma reflexão sobre a possibilidade de os professores não se constituírem somente em colaboradores das nossas pesquisas, mas também em “pesquisadores de si”.

Como pesquisadores de – e através de – suas histórias de vida, chegamos aos saberes que os (as) professores (as) em formação no espaço da universidade vêm construindo ao longo de suas trajetórias pessoais, nos diferentes espaços / lugares e tempos formativos: a escola, a família, os grupos sociais.

Compartilhando com Josso (2002, p. 28), a narrativa de si, como uma experiência, coloca o sujeito sob o ângulo da sua formação.

Se a abordagem biográfica, como uma experiência formadora, é um outro meio de observação de um aspecto central das situações educativas, é porque ela permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender-se a si próprio no seu ambiente humano e natural.

A formação, nessa perspectiva, toma o sentido do que Foucault (1995, p.48) chamava de “Tecnologias do Eu” como

aquelas que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo, sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

Neste sentido, o autor nos mostra que tais tecnologias, na verdade, dependem de diversas formas de aprendizagem e, sobretudo, da mudança dos indivíduos não apenas em seu nível mais evidente. Ou seja, tal mudança deve se dar não apenas no nível da aquisição de habilidades, mas na transformação de determinadas atitudes, que implica em uma modificação na conduta dos indivíduos.

Os processos onde as pessoas estão colocadas em reflexão consigo mesmas, acionam com dispositivos de “cuidado de si”¹, de produção de si. Os registros trazidos na escrita pelo trabalho da memória e também pelo esquecimento trazem à tona os processos formativos significativos e as aprendizagens neles construídas. Nas narrativas percebemos os deslocamentos de sentidos numa trajetória pessoal e profissional, bem como os movimentos identificatórios – as identidades transformadas pelas experiências vividas em tempos / espaços distintos.

A narrativa de si nos faz adentrar em territórios existenciais, em representações, em significados construídos sobre a docência e sobre as aprendizagens elaboradas a partir da experiência de aluno (a).

A situação de construção da narrativa, segundo Josso (2002, p.28),

Exige a narração de si, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências que balizam a duração de uma vida, exige uma atividade psicossomática em vários níveis. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para

¹ Sobre o uso deste conceito na pesquisa com professores remetemos ao trabalho de KUREK, Deonir Luís e OLIVEIRA, Valeska Fortes de. O “cuidado de si” na produção da subjetividade docente. In: VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHÃES Jr., Antonio Germano (orgs.) Um Dispositivo chamado Foucault. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos – 5)

evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa à volta do tema da formação. A socialização da autodescrição de um caminho, com as suas continuidades e rupturas, implica igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo.

Nas pesquisas e nos trabalhos de formação continuada com professores, a escrita de si potencializa a reflexão e, como aponta Josso (2002, p. 30), “se esta reflexão estiver integrada como uma das formas de atenção consciente, é possível intervir na formação do sujeito de maneira mais criativa, conseguindo um melhor conhecimento dos seus recursos e objetivos.”

De posse dos materiais produzidos pelas narrativas, é possível questionar as marcas e os modelos, tanto de docentes quanto de práticas educativas, registrados e reelaborados pela memória, refletindo a partir da sua pertinência no tempo presente e das possíveis inércias que não viabilizam movimentos capazes de instituir outras possibilidades de vida. Nossos processos formativos acontecem em lugares / tempos diferentes, e a memória realiza um trabalho privilegiado ao reconstruí-lo como “recordações-referências constitutivas das narrativas de formação” (Josso, 2002, p.31)

As histórias da nossa infância e dos nossos processos de escolarização são revisitadas no sentido das referências construídas: temos recursos experienciais e também representações sobre escolhas, influências, modelos, formação de gostos estilos, o que é significativo para a reflexão sobre o que somos hoje e como nos constituímos no que somos e para as possibilidades autopoéticas que nos singularizam (ou não) como pessoas e professores.

Do conhecimento do que somos e como nos constituímos já estamos na possibilidade de experiência de si, da “tecnologia del yo”, “en que um individuo actúa sobre sí mismo” (Foucault, 1995, p.49).

A questão que se coloca aqui, segundo Foucault, e que poderíamos pensar como sendo o impasse para que o “cuidado de si” seja internalizado e transformado em atitude, como ele acreditava que deveria ser, é justamente a herança da moral cristã, a qual nos ensinou que a renúncia ao si mesmo seria uma forma de salvação. É deste modo que o cristianismo, através de seus princípios morais, nos constitui como sujeitos e nos faz sentir culpa por nos ocuparmos de nós mesmos, “porque nuestra moralidade insiste en que lo que se debe rechazar es el sujeto.” (Idem, p.54)

Nos voltamos para a História da Sexualidade, onde Foucault (1985) toma o tema da sexualidade não a partir de uma perspectiva moral, mas de uma postura ética. Neste sentido, ele coloca que em certas sociedades a *“relação consigo é intensificada e desenvolvida”* (Idem, p. 50), sem que isso venha a contribuir para a intensificação do individualismo. Para

ele, o cristianismo tratou de desqualificar os valores da vida privada, de modo que as relações de si para consigo foram reduzidas em sua significação.

Mesmo que tal atitude tenha trazido como conseqüência o enfraquecimento do individualismo, por outro lado a época imperial, segundo o autor, foi marcada por um fenômeno denominado como “*cultura de si*”, onde as relações de si para consigo puderam ser intensificadas e valorizadas. Tal fenômeno parte do pressuposto da necessidade de se ter cuidados consigo, este é o “*princípio do cuidado de si*”, tema que Foucault considera antigo na filosofia grega. No entanto, será Sócrates o responsável por consagrá-lo, de forma que ele assume uma verdadeira “*cultura de si*”, descrita como “a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas, em receitas, que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas”. (Foucault, 1985, p.50)

Segundo Foucault, os epicuristas acreditavam que a filosofia deveria ser *considerada como exercício permanente dos cuidados consigo*, princípio este também desenvolvido por Zenão e Sêneca. Este último utilizou-se de diversas expressões a fim de designar o que acreditava ser uma forma de “*tornar-se disponível para si próprio*”. Entretanto, o maior grau de elaboração sobre o tema, para Foucault, será fornecida em Epicteto, o qual apresenta em sua obra a definição de ser humano como o “*ser a quem foi confiado o cuidado de si*”, encontrando-se neste ponto a principal diferença entre o seres humanos e os demais seres vivos, pois no caso dos últimos, a natureza encarregou-se de fazer com que eles, assim como os humanos não necessitassem de cuidados para com os mesmos. Deste modo, para Epicteto o cuidado de si torna-se “um privilégio-dever, um dom-obrigação, que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tornar-nos nós próprios como o objeto de toda a nossa aplicação”. (Idem, p.53) Para os filósofos, este será um princípio a ser seguido por toda a vida.

A experiência como um conceito operatório e articulador da narrativa

A análise arqueológica, complementada pela prática genealógica dos anos setenta, trazem a perspectiva histórica para o conceito de experiência em Michel Foucault. Nesse período até 1984, os conceitos de experiência e subjetividade estarão cada vez mais correlacionados. “É experiência que é a racionalização de um processo, dele próprio provisório, que termina num sujeito ou em vários sujeitos.” (Foucault, 1984, p.137).

O conceito de experiência em Foucault, “aproximando-a de uma atitude histórico crítica, a partir da qual um indivíduo relaciona-se consigo mesmo e com os outros, consistirá

um espaço de ação no qual serão constituídos sujeitos históricos segundo processos definidos historicamente.” (Nicolazzi, 2004, p.104).

Estamos falando de um trabalho “histórico-crítico”(Nicolazzi, 2004) sobre as relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo através das quais ele se reconhece e se produz como sujeito, tendo como referência os jogos de verdade dos quais faz parte. É o processo de subjetivação do indivíduo que, segundo Foucault (1984, p.12), “o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado”.

As “técnicas de si”, exercitadas a partir de uma “estética da existência” tem referência tanto numa arte de governar os outros, no exercício de seu poder, como uma arte de governar a si mesmo, na prática da liberdade. A partir da noção de “regiões da experiência”², Foucault nos permite pensar que os indivíduos, no processo de constituição de si mesmos enquanto sujeitos de uma experiência, encontram maneiras diferentes de agir com relação ao “código de ação”. O indivíduo é levado a se transformar em sujeito moral da sua conduta. Segundo Foucault (1984, p.28), “toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua”, não se restringindo, o processo de subjetivação, a uma tomada de consciência, mas a problematização daquilo sobre o que se pensa e mesmo sobre a forma como se pensa. A experiência, neste sentido, se constitui num campo onde uma ação se torna possível.

A genealogia de Michel Foucault (1998) não opera com um sujeito constituinte, podendo ser pensado fora de um campo de acontecimentos. “O sujeito não é mais que um acontecimento historicamente datado com seu começo no já começado e seu sempre iminente momento derradeiro, o qual somente aparece no corpo social por meio de práticas de subjetivação” (Nicolazzi, 2004, p.108).

A narrativa que o indivíduo constrói sobre si é então, a possibilidade, de operar com uma técnica de reconstrução de um sujeito historicamente datado, a partir das relações e jogos de poder / saber que a sociedade e o tempo onde este produz a narrativa lhe permite se movimentar. A experiência se configura também a partir da própria historicidade e dos limites temporais que a delimitam. “Em uma expressão, experiência é a dupla construção, a de histórias pelos sujeitos, a dos sujeitos nas histórias.” (Nicolazzi, 2004, p.109).

Na superfície e na profundidade da narrativa o indivíduo que se configura em objeto da narrativa traz consigo territórios, paisagens, acontecimentos, sendo este sujeito também um acontecimento datado.

² “Regiões da experiência”, “eixos da experiência” – trata-se de um campo moral, historicamente determinado, que define as possibilidades de condutas a serem praticadas pelos indivíduos no que diz respeito ao seu ‘uso dos prazeres’. No caso de Foucault, a experiência da sexualidade concerne ao processo de subjetivação dos indivíduos, isto é, à constituição de si como sujeitos de uma prática moral.

A escrita e o esquecimento

Memória é coisa recente.

Até ontem, quem lembrava?

A coisa veio antes,

Ou, antes, foi a palavra?

Ao perder a lembrança,

Grande coisa não se perde.

Nuvens, são sempre brancas.

O mar? Continua verde.

(Saudosa Amnésia. Paulo Leminski, 2002)

Ao pensarmos na produção de narrativa, somos levados imediatamente à noção de reconstrução, de rememoração, de trabalho da memória.

A escrita, assim como a oralidade, implica o trabalho da memória e, ainda, o trabalho da escrita, daquilo que pode e deve ser escrito e do que deve ser silenciado, pois o silêncio, na perspectiva que compartilhamos com Orlandi (1993, p.33-34), “não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é. (...) O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbra-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas”.

Entre as inclusões que fomos fazendo no trabalho com o uso das narrativas, orais e escritas, está a fotografia e aquilo que esse tipo de imagem aciona nos processos em que a memória é estimulada a trabalhar e a reconstruir lembranças / imagens / sentidos. As imagens fotográficas nos falam de tempos, de lugares, de acontecimentos e de experiências. O processo de reavivamento das lembranças através de um trabalho mais refinado da memória é visualizado nos nossos projetos de investigação / formação de professores. Os baús, as caixinhas e os álbuns, ao serem trazidos para os trabalhos de escrita autobiográfica, permitem que as pessoas reconstruam imagens com mais detalhamento e sentimento.

No espaço da universidade, muitas (os) das (os) alunas (os) se deparam com a idéia do esquecimento. Por que não lembramos desta fase da vida? Por que não lembro das minhas professoras dos primeiros anos? Por que não consigo lembrar mais detalhes? Estas são questões freqüentes, quanto desafiamos que escrevam suas narrativas de vida tendo como foco a infância, a adolescência e a escolha da profissão.

O sentido neste movimento – a escrita da narrativa – está na possibilidade de pensarmos nas marcas produzidas – o que fizeram conosco, para então pensarmos no que podemos fazer conosco a partir de agora. Os tipos de pedagogias vivenciados por nós, nos diferentes lugares pelos quais transitamos e aprendemos um pouco também deste lugar, a docência. Mas o sentido também reside na possibilidade do esquecimento. Esquecer para poder dar passagem a outras formas de vida, de comportamento que possam fazer sentido, que possam produzir significado.

A narrativa como uma forma de acompanhamento dos processos formativos, vividos no espaço e tempo da universidade, pode nos proporcionar o conhecimento dos movimentos e tensões nas representações simbólicas desconstruídas/construídas no momento da entrada no curso e as possíveis transformações experimentadas e percebidas por quem produz a sua história de vida.

Palavras Finais... sem tentar concluir

A produção das narrativas de vida no tempo e no espaço formativo da universidade, permite a pessoa que escolheu a docência como campo profissional, revisitar seus repertórios, suas representações sobre o “lugar” do professor e as figuras construídas em torno deste na sua vida, possibilitando problematizar modelos, práticas e comportamentos na perspectiva da produção de um professor e de uma pessoa que exercita um “cuidado de si”, se produzindo melhor neste tempo e neste mundo.

REFERÊNCIAS

- FEITOSA, Charles. Da utilidade do esquecimento para a filosofia. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel A.(orgs.) Assim Falou Nietzsche II. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais.... In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) A Aventura (Auto)Biográfica.: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. História da Sexualidade III: o cuidado de si. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- _____. Tecnologias del yo y otros textos afines. 2ª ed. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1995.
- _____. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. Lisboa: Educa, 2002.
- KUREK, Deonir; OLIVEIRA, Valeska F. de. “O cuidado de si” na produção da subjetividade docente. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano.(org.) Um Dispositivo chamado Foucault. Fortaleza: LCR, 2002.
- LEMINSKI, Paulo. Distraídos Venceremos. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 101-138, jan./dez. 2004.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. In: História Oral. Recife: Associação Brasileira de História Oral, v. 8, n. 1, Jan./Jun., 2005.
- ORLANDI, Eni. As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1993.